

BOAS PRÁTICAS

A vida secreta dos artigos equivocados e fraudulentos

Artigos científicos equivocados ou fraudulentos costumam ser removidos exemplarmente dos arquivos das revistas científicas que os publicaram. Mas não é incomum que cópias sobrevivam em bibliotecas e repositórios de universidades e continuem a circular, sendo citadas por pesquisadores desavisados. O pesquisador norte-americano Philip Davis encontrou rastros do que ele chamou de “vida secreta de artigos retratados” ao analisar o destino de 1.779 *papers* desqualificados pelas revistas que os divulgaram entre 1973 e 2010.

Ele chegou a esse conjunto de artigos proscritos ao pesquisar a base de dados Medline, da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos. O passo seguinte foi procurar registros desses *papers* em outros portais ou repositórios da internet. Davis conseguiu localizar versões de 321 desses artigos – um em cada cinco da amostra – perdidos em bibliotecas virtuais ou nos arquivos de universidades e departamentos. Em nenhum deles havia qualquer aviso de que o artigo tinha sido desqualificado.

Na quase totalidade dos casos, 95%, a versão encontrada era a da revista científica. Em apenas 4% tratava-se de versões feitas pelo autor antes de submeter o artigo à publicação. O local que abrigava mais artigos retratados era a base de dados PubMed Central, com 43% do total (138 artigos). Noventa e quatro (ou 29%) foram encontrados em domínios acadêmicos, como *websites* de laboratórios e departamentos, e apenas 10 (3%) estavam em repositórios de instituições. Também foram encontrados 24 artigos (4%)

em *sites* comerciais – o curioso é que os artigos eram usados para promover suplementos alimentares ou técnicas cirúrgicas. Registros desses artigos foram encontrados na rede social acadêmica Mendeley e eram compartilhados, em média, por 3,4 usuários.

Davis sugere que as revistas científicas deveriam disseminar alertas sobre o *status* desses artigos em serviços de busca e recuperação, e que as bases de dados acoplem avisos de retratação às referências bibliográficas dos *papers*. Outra medida seria informar bibliotecas virtuais e ferramentas *on-line* de organização de bibliografia sobre a punição. Por fim, as publicações científicas deveriam passar a fazer varreduras nas referências bibliográficas de todos os seus



DANIEL BUENO

artigos, antes que sejam publicados, para evitar que *papers* retirados voltem a ser citados, diz Davis. O estudo foi divulgado pelo *Journal of the Medical Library Association*, dos Estados Unidos.

Pesquisadora de Harvard sob vigilância

Por determinação do Escritório de Integridade de Pesquisa (ORI) dos Estados Unidos, que investiga fraudes em pesquisa financiada pelo governo federal, Shane Mayac, ex-pesquisadora de pós-doutorado no Centro de Diabetes Joslin, ligado à Faculdade de Medicina da Universidade Harvard, Estados Unidos, terá de se submeter à supervisão rigorosa para qualquer trabalho que ela possa fazer com financiamento do governo federal nos próximos três anos (*Nature News Blog*, 29 de agosto). Shane concordou com as sanções do ORI, aplicadas depois de ela ter sido julgada por má conduta por ter copiado imagens de outras fontes e tê-las publicado, como se fossem suas, em dois artigos sobre células-tronco do sangue,

um na *Nature* e outro na *Blood*. A pesquisadora “nem admite nem nega as conclusões do ORI de má conduta científica”, segundo a nota no Federal Register, boletim do governo dos Estados Unidos, mas tinha comentado antes no *blog* Retraction Watch que seu artigo na *Nature* foi retificado apressadamente e sem ter sido consultada. Ela comentou que estava sendo forçada a assumir a culpa por um “sistema disfuncional” de publicação e investigação. O comunicado do ORI menciona a publicação das figuras retiradas de outro artigo, que Shane atribuiu a um erro, e a apropriação indevida de duas figuras de experimentos não relacionados. De acordo com o ORI, trata-se de uma clara falsificação de dados.